AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO CORPORATIVA: A ARTICULAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO TÁCITO E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE SEUS PROFESSORES

Acácia Zeneida Kuenzer
Sandra Terezinha Urbanetz
FACINTER – UFPR

Em um artigo publicado no Caderno Mais, da Folha de São Paulo, em 1999, Marilena Chauí, ao analisar a reforma do Estado então em curso, alertava para o caminho por onde a Universidade Brasileira estava sendo colocada. Da mesma forma, a mesma época, autores como Kuenzer, Gentile, Frigotto, Duarte, Saviani entre outros, apontaram que o caminho escolhido mostrava claramente que o Brasil estava se posicionando no mercado internacional como mero consumidor e não produtor de ciência. Ao indicar que a reforma em curso colocou a universidade no setor de serviços, Chauí faz uma análise histórica demonstrando que a universidade paulatinamente vai perdendo sua função universalizante, deixando de ser uma instituição para se tornar uma organização.

Nas palavras da autora:

> A passagem da universidade da condição de instituição à de organização insere-se nessa mudança geral da sociedade, sob os efeitos da nova forma capital, e ocorreu em duas fases sucessivas, também acompanhando as sucessivas mudanças do capital. Numa primeira fase, tornou-se universidade funcional; na segunda, universidade operacional. A universidade funcional estava voltada para a formação rápida de profissionais requisitados como mão-de-obra altamente qualificada para o mercado de trabalho (CHAUÍ, 1999).

Em 2003, a autora volta a carga, sob a batuta de um novo governo, no seminário promovido pelo MEC/SESU, que propunha a discussão da reforma universitária.

Chauí alerta para a relação sociedade/universidade e novamente explicita a diferença básica entre a universidade tomada enquanto instituição social e enquanto organização:

> ... a universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. (...) Uma organização difere de uma instituição por definir-se por uma prática social determinada por sua instrumentalidade: está referida ao conjunto de meios (administrativos) particulares para obtenção de um objetivo particular. Não está referida a ações articuladas às idéias de reconhecimento externo e interno, de legitimidade interna e externa, mas a operações definidas como estratégias balizadas pelas idéias de eficácia e de sucesso no emprego de determinados meios para alcançar o objetivo particular que a define (CHAUÍ, 2003).

Esta distinção auxilia a compreensão da utilização tão intensa do termo Universidade Corporativa por parte das grandes corporações.

> A instituição social aspira à universalidade. A organização sabe que sua eficácia e seu sucesso dependem de sua particularidade. Isso significa que a instituição tem a sociedade como seu princípio e sua referência normativa e valorativa, enquanto a organização tem apenas a si mesma como referência, num processo de competição com outras que fixaram os mesmos objetivos particulares (CHAUÍ, 2003).

Desde Meister, considerada já como uma referência clássica para as organizações, até os autores nacionais como Éboli, Aguiar, Tarapanoff, Alpersted, a análise apresentada por Chauí tem sido a indicação dos defensores das Ucs enquanto promotoras do desenvolvimento do "capital" intelectual dos "colaboradores" das empresas.

Autores referenciais para as áreas de gerenciamento, gestão e organização empresarial afirmam que "a crença de que as competências, as habilidades e o conhecimento formam a base de vantagem competitiva reforça a necessidade de intensificar o desenvolvimento dos funcionários nesses âmbitos e justifica, portanto, a existência da universidade corporativa" (ÉBOLI, 1999).

Esta definição em consonância com a defesa de Cardoso e Carvalho de que "a aprendizagem organizacional contínua e a criação de conhecimento são formas de vantagem competitiva sustentável, de forma a tornarem as organizações lugares que mereçam o total comprometimento das pessoas" (2005) explicitam claramente a visão de que a competitividade será alavancada com e pelas pessoas.

Interessante é observar que o discurso e a criação das UCs acontece par e passo com o discurso da ineficiência das universidades tradicionais, com o desmonte do suporte às universidades públicas e com a abertura ao investimento privado do ensino superior.

Pode-se supor, a partir desta rápida análise, que Kuenzer tem razão ao afirmar que a burguesia sempre disponibiliza o saber que não lhe interessa mais. Todo o processo, explicitado por Chauí, pode corroborar com esta hipótese. Enquanto a universidade tradicional era de qualidade, era também inacessível às camadas populares. A partir das pressões sociais pelo acesso ao ensino superior, e com as modificações da organização social como um todo, o ensino superior se fragmenta e se esvazia (sempre de maneira contraditória e não na sua totalidade).

> A uniformidade decorrente da certificação escolar complementada pela formação profissional adquirida em

> cursos técnicos ou superiores, que assegurou às antigas gerações o ingresso e a permanência no emprego, já não é mais suficiente. Em decorrência, a proposta curricular para o Ensino Superior a partir das políticas implementadas pelo MEC desde de 1997, passa por significativas transformações conceituais; da formação especializada passa-se à formação do generalista; dos currículos mínimos passa-se às diretrizes curriculares amplas, que serão adequadas à cada curso, segundo as peculiaridades locais e dos alunos; de trajetórias unificadas, passa-se à diversificação dos percursos (KUENZER, 2000).

Assim a criação das UCs, bem como outros elementos, em um país periférico, contraditório e permeado pela lógica do capital, é também um processo vinculado a este movimento hegemônico. Em alguns aspectos e períodos desordenados até, que mesclam, desde alta tecnologia, alta capacitação dos trabalhadores até simples departamentos de recursos humanos com "roupinha nova".

Ao investigar o tema Universidades Corporativas percebe-se que não se pode afirmar que este conceito e esta modalidade de educação esteja moldando os conceitos de educação universitária em nosso país, tal como se verifica nos Estados Unidos, segundo Meister (1999). Porém não se pode ignorar o fato de que, enquanto articulados material e concretamente ao capitalismo mundial, o processo está também articulado aos movimentos organizacionais da sociedade em geral. Assim sendo o que se identifica é que o crescimento desta modalidade de organização educacional tem sido significativamente rápido em nosso país, basta observar o número de empresas brasileiras, vinculadas ao capital estrangeiro que desenvolvem este tipo de formação junto aos seus funcionários.

Outra questão que chama a atenção é o fato de que junto a estas empresas, aparecer de maneira significativa setores governamentais que também oferecem esta modalidade. No site governamental aparecem

referências a universidade corporativa no Ministério da Saúde, do Planejamento, da Educação, de Minas e Energia, da Ciência e Tecnologia, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, neste inclusive com um Portal de Educação Corporativa onde encontramos um relação das universidades corporativas nos cenários internacional e nacional:

Universidades Corporativas

Cenário Internacional

Ásia

Mudra Institute of comunication and Advertising

América do Norte

Arthur Little School of Management

Disney Institute

GEneral Eletrics, John F. Welch Leadership Center of Crotonville

General Mortors

Hamburger University

Harley-Davidson University

Institute of Textile Tecnology

Motorola University

National Semiconductor Uiversity

Oracle University

RAND Graduate Institute

SBS Center of Learning

UCH Academy

UNISYS

Verifone University

Volvo University

Xerox Management Institute

Cenário Nacional

ABM

ABRAMGE

Abril

ACCOR
ALCATEL
ALCOA Alumínio
ALGAR
AMIL
ARBRAS
ASSOCIL
Banco do Brasil
Banco Itaú
Banco Real
Bank Boston
BASF
BEMATEC
Beneficiência Portuguesa
BNDES
BOSCH
Brasil Telecom
BRISTOL
Carrefour
CEF
Cepel
CITIGROUP
CONFEA
CORREIOS
CVRD
DATASUL
ELEKTRO Eletricidade e Serviços
ELETRONORTE
EMBASA
EMBRAER
EMBRATEL
Fachini

GM
Grupo Martins
Hospital Albert Einstein
Hospital Sírio Libanês
HSBC Bank Brasil
Illy Café
INEPAR
Insituto Genius
ISVOR/FIAT
Itaipu Binacional
KABLIN
Leader Magazine
LIGHT
Losango
Marcopolo
Marinha do Brasil
Mc Donalds
METRO SP
Motorola
Natura
Nestlé Brasil
NOVARTIS
ORACLE
OXITENO
PETROBRÁS
PICCADILLY
REDE BAHIA
RHODIA
ROCHE
SABESP
SADIA
SECOVI

Secretaria de Administração do Estado da Bahia
Secretaria de Fazenda do Estado da Bahia
Secretaria de Saúde do Estado da Bahia
SERASA
SERPRO
SESI
SIEMENS
Souza Cruz
TAM
TIGRE
Transportadora Americana
TV GLOBO
UNIBANCO
UNILEGIS
UNIMED
UNINDUS
UNIPREV
UNISYS
VARIG
VISA
VIVO
XEROX

Fonte:http://www.educor.desenvolvimento.gov.br/universidades.html

Há também disponível um link denominado Produção do Conhecimento que possibilita o acesso às discussões da área.

Através destes indicativos, ainda que se considere que as discussões apresentadas pelos estudiosos do tema, no âmbito formal, indiquem que existe uma multiplicidade de iniciativas e que as permanecem as análises acerca do que é uma Universidade Corporativa e do que é simplesmente um setor de Recursos Humanos melhorado, o consenso é de que as instituições têm a

clareza de que o investimento em "capital intelectual" é um elemento fundamental para a competitividade e o uso do termo "Universidade" está diretamente vinculado ao status que este termo tem na sociedade.

Outro elemento inquietante a se colocar como objeto de análise é a observação de que a lógica privada continua influenciando a organização dos setores públicos e governamentais, assim como já acontecia desde o tempo da colonização (PRADO J., 1995). Isto fica visível a partir do momento em que temos nos sites governamentais as referências a este modelo de organização.

Cenário

Em nosso país a implementação de projetos, políticas e outras questões apresentam-se, quase sempre, em proposições contraditórias, em tempos e/ou espaços, ora extremamente avançadas, ora extremamente atrasadas, o que se percebe é que o movimento de tentativa de modernização do Estado se dá pelo modelo do privado. Desde os anos trinta, do modelo burocrático até a atualidade pelas vias "modernosas" o que acontece é a regulamentação(ou tentativa de) nacional através da indução da "grife". É o Estado na tentativa de implementar os modelos de gestão pautados pela lógica do mercado.

Pensar o Estado na atualidade pressupõe compreender a noção de Estado enquanto constituição humana, portanto histórica. Sendo histórica compreende-se que os homens ao organizarem a sua vida em sociedade, organizaram as leis, estabeleceram os limites e as possibilidades da vida individual e coletiva.

Compreendendo a política e, portanto a constituição do Estado enquanto uma superestrutura, compreendemos que é na sociedade civil que se desenvolve o consenso e é também aí que, talvez, se inscreva a possibilidade da construção do contra senso.

Para isto há que se clarear o conceito fundante de hegemonia que, enquanto uma direção de sociedade, nos mostra que a reprodução se concretiza nas relações; portanto mudar significa constituir uma nova hegemonia, daí por que a urgência do entendimento e da chamada aos

intelectuais, pois, segundo Gramsci, são os intelectuais através da guerra de posição e através da mudança das bases materiais, que congregam a força política necessária para uma organização nova.

Estas questões estatais se colocam como importantes na medida do entendimento de que tem sido o estado, o agente propositivo de ações sociais, não isento de maneira alguma de todas as contradições presentes dentro deste espaço.

É no Estado, enquanto expressão sempre contraditória da organização social, que se travam lutas pelo poder e é através do Estado, muitas vezes, que o capital estende os seus braços por cima dos direitos e conquistas trabalhistas.

Também, por contradição e no espaço estatal, que os trabalhadores alcançam algumas vitórias, ainda que tímidas diante do capital.

Ao se fazer uma análise, ainda que incipiente sobre as proposições de Universidades Corporativas, especialmente aquelas capitaneadas pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior percebe-se, mais uma vez, que a sustentação de ações que tradicionalmente deveriam ser do mercado, fica na mão do Estado.

Nas empresas através das "flexibilizações" é perceptível que a empresa "mãe", que nos áureos tempos do desenvolvimento do capitalismo, era responsável pelas garantias mínimas referente ao trabalhador hoje se vê "livre" de encargos em face de terceirização e sub contratação de serviços.
Assim observa-se a crescente concentração de riqueza limitada a uns poucos grupos e/ou países e uma ampliação do contingente de miséria.

O movimento de concentração de capital hoje, ao atingir seu limite aparente, apropria-se, após as privatizações, dos fundos públicos, colocando o Estado na posição de facilitador da acumulação, visto que o mercado monopolista e o consumo não mais garantem a remuneração desejada, movimento este denominado por Oliveira como o antivalor, ou seja, aquilo que contraria as leis do mercado concorrencial, característica essencial do capital(OLIVEIRA, 1999).

A importância de se entender este movimento do capital nos espaços sociais, estatais vincula-se à clareza de que a objetividade dos processos não se faz descolado dos processos políticos, já que a sociedade é eminentemente uma sociedade política permeada pelas contradições.

A necessária compreensão da objetividade dos processos educativos passa então pela compreensão de que a cada momento histórico, o princípio pedagógico modifica-se. Desde a destruição da conformação do trabalhador camponês para a conformação do trabalhador operário, muitas mudanças ocorreram. Na atualidade estas mudanças continuam a acontecer, do operário rígido passou-se a exigir flexibilidade. Na educação, da escolarização rígida e autoritária para a escolarização flexibilizada, acessível e também em muitas situações, esvaziada. A violência, presente nos processos laborais e educativos, passou de física a simbólica. (KUENZER, 2006).

Esta determinação concreta constitui a ideologia predominante que, enquanto hegemônica, apresenta-se como a única possibilidade de organização da vida humana. Hoje a individualidade, o hedonismo e a competitividade tem sido o mote e a orientação geral das instituições enquanto espaços superestruturais de constituição da subjetividade dos indivíduos.

Captura-se a subjetividade do trabalhador em escala de comprometimento, subordinação e até coerção mostrando que o capital tem sido cada vez mais eficiente em seu projeto.

Cabe então a busca pelo entendimento das relações estruturadas no mundo do trabalho para a compreensão do processo pedagógico aí evidenciado, ou seja, entender nas determinações concretas as determinações pedagógicas, buscando ampliar os espaços contraditórios presentes neste processo. Elucidar o fenômeno atual através da compreensão das determinações do mesmo, pois a realidade é objetiva e enquanto objetiva, ela se deixa conhecer através do descortinamento de suas determinações, superando a aparência simples dos fatos.

Este pode ser o caminho para a constituição das consciências e das circunstâncias necessárias à transformação da sociedade.

Há que se perguntar em que se respalda este fenômeno e a que ele responde, para isto é necessário a vinculação à cadeia de valor da produção capitalista, pois a intensificação da exploração do trabalhador, articulado a ideologização de se considerar trabalho apenas o trabalho assalariado apresenta permanentemente a contradição entre qualificação e desqualificação. Em Marx, encontra-se a indicação de que o conhecimento é sempre revolucionário, e isto nos aponta a investigação de propostas de formação que articulem conhecimento científico ao conhecimento que o trabalhador já possui para que a mesma possa ser eficaz, consciente e também crítica.

Assim sendo, os objetivos foram traçados na perspectiva de identificar se e como acontece a articulação entre conhecimento tácito, científico e pedagógico na ação docente dos professores de uma empresa considerada estratégica e importante no cenário nacional.

Para isto pretende-se descrever o contexto histórico da constituição da Universidade Corporativa desta empresa, articulando-o ao contexto nacional e internacional, identificar a concepção de Universidade presente no Projeto, buscando reconhecer o princípio articulador do Projeto Pedagógico da Universidade Corporativa estudada, analisar o contexto de constituição deste docente, ou seja, como este indivíduo, que em sua maioria é um funcionário na ativa ou aposentado, da própria empresa, se constituiu docente e como ele articula o conhecimento tácito e o conhecimento científico na sua prática pedagógica.

Para atingir estes objetivos, o trabalho de pesquisa será desenvolvido na perspectiva de análise do Materialismo Histórico que tem em seus pressupostos a clareza de que os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem de qualquer maneira, pois a história humana é constituída a partir das condições concretas de vida construídas socialmente. Isto pressupõe o entendimento de que a constituição humana, enquanto trabalhador ou enquanto proprietário dos meios de produção se dá nas relações sociais estabelecidas em cada momento histórico.

O caminho escolhido então, para o descortinamento destas questões, é primeiramente estabelecer um panorama histórico nacional e internacional das Universidades Corporativas, percebendo na seqüência, a concepção de Universidade e a Concepção de Universidade Corporativa presente na instituição pesquisada, visto que são concepções que divergem e convergem em pontos específicos. Há que se fazer um breve histórico da Universidade Corporativa da empresa, para que a compreensão da concepção e do funcionamento da mesma possa acontecer dentro do contexto e finalmente identificar na ação pedagógica dos docentes se e como acontece a articulação entre o conhecimento tácito e o conhecimento científico e como ele se constituiu enquanto docente com esta perspectiva. Para atingir este objetivo é preciso também considerar os processos de formação continuada enquanto concepção e enquanto histórico dentro da empresa pesquisa.

Referências:

AGUIAR, A. C. de. Atividades de educação corporativa no Brasil: análise das informações coletadas em 2006 pela STI . Secretaria de Tecnologia Industrial do MDIC . Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Belo Horizonte: 2006. Disponível em http://www.educor.gov.br/docs/Relatorio_atividades2006.pdf. Acessado em 19.mar. 2007.

ALPERSTED, C. As universidades corporativas no contexto do ensino superior. Tese. Departamento de Administração, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2001.

_____. Educação Corporativa: estratégias de promoção da gestão do conhecimento. Disponível em www.aprenderonline.com.br. Acessado em 26 de março de 2007.

CARDOSO, L. A. CARVALHO, S. Universidade Corporativa: O acionamento do conhecimento como alavanca das novas práticas gestionárias do pós-fordismo. XII SIMPEP . Bauru, SP, Brasil, 7 a 9 de Novembro de 2005

CHAUÍ, M. Sociedade, Universidade e Estado: autonomia, dependência e compromisso social. Seminário: Universidade: Por que e como reformar? MEC/SESU: 6 e 7 de agosto 2003

_____ . A Universidade Operacional**.** Folha de São Paulo, 09 de maio de 1999.Caderno Mais! www.enecos.org.br/docs/universidadeoperacional_mchaui.doc – acessado em 15.ago.2007

DUARTE, N. As pedagogias do .aprender a aprender. e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, ANPEd, n.18. set/out/nov/dez 2001. Campinas: Autores Associados.

ÉBOLI, M. Gestão do conhecimento como vantagem competitiva: o surgimento das universidades corporativas. In: _____. Coletâneas universidades corporativas: educação para as empresas do século XXI. São Paulo: Schmukler, 1999.

_____ . Educação corporativa e gestão do conhecimento como vantagem competitiva. Apresentação no 6º. Congresso FEBRABAN de Recursos Humanos. São Paulo: FEBRABAN, 17 e 18 Nov. 2003.

_____ . Educação corporativa no Brasil. Mitos e verdades. São Paulo: Gente, 2004a.

FRIGOTTO, G. Tendências pedagógicas hoje: educação e trabalho. Prospectiva. AOERGS. Revista de Orientação Educacional. Porto Alegre, v. 2, n.15, p. 45-52. Out. 1986.

_____. Educação e a crise do capitalismo real. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito. In: FRIGOTTO, G. (Org.). Educação e crise do trabalho. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GENTILI, P. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, J.C., SAVIANI, D., SANFELICE, J.L. (Orgs.). Capitalismo, trabalho e educação. Campinas: Autores Associados, HISTEDBBR, Coleção Educação Contemporânea: 2002.

KUENZER, A. Z. A educação profissional nos anos 2000: a dimensão subordinada das políticas de inclusão. Educ. Soc. , Campinas, v. 27, n. 96, 2006 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24. Ago. 2007

_____ As mudanças no mundo do trabalho e a educação : novos desafios para a gestão. In: FERREIRA, Naura C. Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. O ensino médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. Educação e Sociedade, Campinas, n. 70, abril de 2000.

MARX, K. Introdução à crítica da economia política. Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____ . O Capital: crítica da economia política. São Paulo: DIFEL, 1985. L.1, v. I.

MEISTER, J. C. Educação corporativa: a gestão do capital intelectual através das universidades corporativas. São Paulo: Makron Books, 1999.

OLIVEIRA, F. Crítica à razão dualista/O ornitorrinco. São Paulo, Boitempo, 2003

PRADO JÚNIOR, C. História econômica do Brasil. 42 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAVIANI, D.. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, C. J. et al. (Orgs.). Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARAPANOFF, K. Panorama da educação corporativa no contexto internacional. Disponível em http://www.mdic.gov.br/arquivo/sti/publicacoes/universidadecorporativa/panoramaeducacaocorporativa-contextointernacional.pdf, acessado em 05.ag. 2007.